



*Há que
fazer-nos
ao mar...*



*Capa
e contracapa*

*Há que fazer-nos ao mar
antes que sequem os rios...*

Sumário

| | |
|---|-------------------|
| <i>Diário de Bordo</i> | <i>Pag. 2/4</i> |
| <i>Informação aos Sócios</i> | |
| <i>Capuchos: Localização privilegiada e agradável ambiente social</i> | <i>Pag. 5/6</i> |
| <i>de José Carlos Rodrigues Nunes</i> | |
| <i>Há que fazer-nos ao mar...</i> | <i>Pag. 7/9</i> |
| <i>por Jorge da Silva</i> | |
| <i>Memória de Adriano</i> | <i>Pag. 10</i> |
| <i>de Ferrer Asturiano</i> | |
| <i>Os Capuchos nas minhas Memórias (2.ª Parte)</i> | <i>Pag. 11/13</i> |
| <i>de Eduardo Gomes</i> | |
| <i>Capuchos - Uma aguarela e um poema</i> | <i>Pag. 14</i> |
| <i>de Carlos Canhão</i> | |
| <i>Os Mistérios da Lua Cheia</i> | <i>Pag. 15/17</i> |
| <i>último episódio do conto de Paulo Figueiredo</i> | |
| <i>História e estórias do concelho de Almada</i> | |
| <i>Sec. XIX</i> | <i>Pag. 18/21</i> |
| <i>por João Paulo Curto</i> | |
| <i>Mudança de tática</i> | <i>Pag. 22</i> |
| <i>Cartoon de Ferrer Asturiano</i> | |

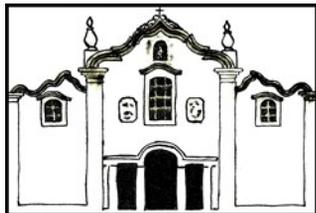
O "ARRIBA" é propriedade e edição da
Associação de Moradores dos Capuchos.

Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail.

Contactos: <https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Facebook: <https://www.Facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com



Associação de Moradores dos Capuchos

Diário de Bordo

Informação aos sócios

Repavimentação da EN10-1

19/5/2022

Início da repavimentação da EN10-1 (troço dos Capuchos) sem qualquer aviso prévio e sem qualquer informação sobre a obra;

22/5/2022

Envio de mail ao Diretor Municipal com o pelouro de Obras, Mobilidade e Urbanismo, com cópia aos autarcas presentes na reunião de 9 de Março, solicitando informação sobre a execução dos trabalhos adicionais à repavimentação da EN10-1, na altura aceites pelos presentes, e que são: Pintura das atuais passadeiras; Colocação de novas passadeiras junto aos ecopontos e às paragens de autocarros; Colocação de passadeira /lomba na rotunda de acesso à R. Lourenço Pires de Távora; Colocação de pins metálicos ao longo da via que impeçam o estacionamento anárquico de viaturas; Colocação de adequados abrigos nas paragens dos transportes públicos com possibilidade de um sistema de informação aos seus utilizadores;

Todas estas questões ficaram sem resposta e as obras foram interrompidas a 25 de Maio.

14/6/2022 e 5/7/2022

Insistências sobre estas questões. Sem resposta!...

28/7/2022

Por insistência telefónica, foi-nos dito pelo Diretor Municipal da C.M.Almada com o pelouro de Obras, Mobilidade e Urbanismo, que as obras irão ser terminadas com a colocação de novas passadeiras e de um controle de velocidade.

A ver vamos...

Requalificação do Espaço da Antiga Escola Primária, da Rua Lourenço Pires de Távora, Rua dos Capuchos e Estrada do Miradouro

27 e 28/4/2022

Na Assembleia de Freguesia e na Assembleia Municipal, entrega de documento e intervenção sobre estes assuntos, salientando as nossas propostas de requalificação e o atraso na tomada de decisões por

parte da Autarquia.

Sem resposta escrita...

20 e 28/6/2022

Entrega de cartas à Presidente da Junta de Freguesia e à Presidente da Câmara Municipal, respetivamente, manifestando descontentamento e chamando a atenção para a falta de andamento e de soluções relativamente a estes assuntos, decorridos dois meses sobre a intervenção da AMC, na Assembleia Municipal e na Assembleia de Freguesia e 3 meses sobre a reunião havida nos Capuchos.

Sem resposta por parte da Presidente da Junta...

4/7/2022

Resposta da Câmara Municipal de Almada, informando sobre o encaminhamento dos assuntos para o Vereador com o pelouro das Infraestruturas e Obras Municipais.

13/7/2022

Mail da AMC ao referido Vereador solicitando a marcação de uma oportuna reunião.

Sem resposta...

28/7/2022

Por insistência telefónica da nossa

parte, fomos informados pelo Diretor Municipal da Câmara com o pelouro de Obras, Mobilidade e Urbanismo, que estes assuntos estão a seguir os pressupostos necessários e que será marcada uma reunião para Setembro com a presença do Vereador e dos Técnicos envolvidos.

A ver vamos...

Nova rede de transportes públicos

“...E é esse o caminho que Almada e os restantes municípios da AML estão a traçar, com a criação da Carris Metropolitana. Trata-se de uma verdadeira revolução, que chegará ao nosso território a partir de 1 de Julho, mas que começa já este mês noutras zonas da AML...”

Inês de Medeiros, Presidente da Câmara Municipal de Almada, no Editorial de Almada Revista Junho/2022

Defendidos no nosso Programa de Ação para 2021/2024 e no nosso Plano de Atividades para 2022, aprovados pelos Associados em Assembleias Gerais e entregues à Presidente da CMAmada e à Presidente da Junta Freguesia de Caparica e Trafaria, a nova rede de

transportes públicos “Carris Metropolitana” deverá ser adequada às necessidades da população tendo em conta a natureza do território.

5/7/2022

Face ao que foi o arranque da Carris Metropolitana em 1 de Julho, foi enviado um mail ao Diretor Municipal da CMAlmada com o pelouro de Obras, Mobilidade e Urbanismo, com cópia para os Técnicos presentes nos Capuchos em 9 de Março, relembrando e reforçando o compromisso verbal assumido nessa reunião de envio de toda a informação sobre as novas linhas, percursos e horários e também da viabilidade de um circuito interior assegurado por um autocarro do género do “Bus Saúde”.
Sem resposta...

15/12/2021 e 27/4/2022

Nas Assembleias de Freguesia de Caparica e Trafaria, entrega de documento e intervenção realçando a necessidade de transportes públicos adequados.
Sem respostas escritas...

28/4/2022

Na Assembleia Municipal de Almada, entrega de documento e intervenção realçando a necessidade de

transportes públicos adequados.
Sem resposta escrita...

A partir de 12/4/2022

têm sido publicadas na página de FB da AMC, informações disponíveis pesquisadas pela AMC sobre a Carris Metropolitana que pudessem ajudar os moradores e os utentes dos transportes públicos a orientarem-se nesta nova realidade.

28/7/2022

E-mail da Junta de Freguesia, informando que tinham reforçado o teor do nosso mail de 5 de Julho junto do Diretor Municipal da CMAlmada com o pelouro de Obras, Mobilidade e Urbanismo; Por insistência telefónica, foi-nos dito pelo referido Diretor Municipal que, a partir de 21 de Agosto será melhorada a oferta de transportes, especialmente da carreira 3022.

Em todo o período de Junho a Agosto

Dezenas de comunicações à Plataforma Almada + Perto sobre monos, verdes e restos de obras abandonados junto aos contentores e aos ecopontos e sobre a falta de limpeza de passeios e bermas em todas as ruas dos Capuchos.

CAPUCHOS: LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA E AGRADÁVEL AMBIENTE SOCIAL

De **José Carlos Rodrigues Nunes** (Presidente da Direção)

A localidade dos Capuchos situa-se na Freguesia da Caparica. Está a poucos minutos da Costa da Caparica e, portanto, muito próxima de várias praias integradas no areal contínuo que se estende desde a praia da Cova do Vapor até à Lagoa de Albufeira.



São belas praias muito procuradas, sobretudo no verão, naturalmente. Mas, também, nos dias soalheiros da primavera e do outono, são muitos os veraneantes que aparecem para desfrutar as águas, as areias e o sol da Costa da Caparica.

Este extenso areal está integrado na área da **Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica**, que também inclui algumas zonas de pinhais, dos quais se destaca a histórica Mata dos Medos (lê-se médos e significa dunas) mandada semear por D. João V no século XVIII para fixar as areias e assim proteger os campos agrícolas.



Na zona norte da Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica, encontra-se o Convento da Nossa Senhora da Piedade, mais

conhecido por **Convento dos Capuchos**, datado do século XVI e mandado edificar por Lourenço Pires de Távora em 1558. O Convento tem um jardim convidativo e um pequeno miradouro com largas vistas, no qual está implantada desde 2005 a escultura “Mil Olhos - Memorial a Pablo Neruda”, do escultor José Aurélio. Nele se realizam eventos culturais, incluindo música, artes plásticas e conferências.



Perto do Convento, na linha da Arriba Fóssil, o **Miradouro Panorâmico dos Capuchos** com vistas deslumbrantes, desde o Cabo Espichel, toda a Costa da Caparica, o Rio Tejo, o Bugio e toda a orla costeira de Lisboa, Estoril e Baía de Cascais, com a Serra de Sintra anunciando-se detrás.

Também aqui nos Capuchos se encontra o **Faro da Chibata**, localizado num depósito de água, no cimo de uma colina, junto da mata da Boa Viagem.

O principal acesso aos Capuchos é a EN10-1 de onde partem a Rua Lourenço Pires de Távora, a Rua dos Capuchos e a Rua da Estrelinha. Esta vias definem a área residencial que se foi formando ao longo dos tempos constituída por moradias familiares com os seus quintais ou jardins. Aqui são possíveis relações de vizinhança serenas o que é quase impensável nas zonas urbanas de elevada densidade.

Há já muitos anos que uma determinada empresa promoveu a concepção de um grande empreendimento urbanístico, designado por “Aldeia dos Capuchos”, numa grande área de

terreno, com uma magnífica localização e com belas vistas para as praias da Costa e para o Rio Tejo. Inclui um Hotel com spa e piscinas, um campo de golf, edifícios de apartamentos e muitas moradias. Entretanto, a empresa entrou em processo de insolvência e, neste momento, apenas se encontram construídos o Hotel com piscinas e spa, o campo de golf, alguns prédios de apartamentos e poucas moradias. E o spa do Hotel permite aos moradores dos Capuchos, e não só, usufruírem de boas instalações para a saudável prática da atividade física.

O futuro desenvolvimento integral deste grande empreendimento irá provocar grandes alterações ao actual ambiente sereno dos Capuchos.

Quanto a vias de trânsito automóvel, é urgente que seja concluída a intervenção sobre a EN10-1, que é a principal via para a entrada e saída da localidade e tem muito movimento de viaturas ligeiras e pesadas. Recentemente, foi repavimentada e apenas foram pintadas algumas passadeiras, pelo que a Associação de Moradores continua a desenvolver contactos com a Câmara, visando a execução de outros trabalhos necessários, tais como a pintura do separador central, sistemas de controlo de velocidade e, se possível, a criação de alguns passeios para peões, bem como a substituição de um dos abrigos para os utentes das carreiras dos transportes públicos.

As restantes três vias acima mencionados envolvem o movimento de viaturas dos residentes e dos visitantes do Convento e do miradouro panorâmico. Em consequência do crescimento das raízes de grandes pinheiros mansos, localizados em ambos os lados das ruas, o seu pavimento encontra-se muito degradado. A Associação de Moradores dos Capuchos irá continuar a insistir na necessidade da sua urgente repavimentação, incluindo o enterramento de cabos, a construção de alguns passeios e de espaços para o estacionamento de viaturas. Tudo isto, mantendo o maior número possível dos pinheiros mansos, árvores características da localidade.

Tendo em atenção a estrutura etária da população residente e as características da

localidade, a Associação de Moradores dos Capuchos também tem evidenciado junto dos diversos dirigentes da Câmara Municipal de Almada, a necessidade de se implantar um pequeno jardim público, incluindo um pequeno parque infantil e um espaço com alguns aparelhos para a prática de atividade física. Neste âmbito, temos diligenciado para que este importante objectivo se concretize no espaço onde funcionou a antiga escola primária, atualmente devoluto, localizado em zona central dos Capuchos e rodeado de habitações, cujos residentes poderão, assim, rapidamente aceder e usufruir de factores de bem-estar.



São estas algumas das características da localidade onde habitamos, os Capuchos. E são estas algumas das situações que queremos ver melhoradas e pelas quais nos debatemos junto das instâncias que têm o poder e os meios para o fazer, e que o façam o mais rapidamente possível.



À AMC-Associação dos Moradores dos Capuchos não falta resiliência. Essa força cresce com o reforço do apoio e colaboração dos moradores. VAMOS JUNTOS!

Há que fazer-nos ao mar antes que sequem os rios

Por Jorge da Silva

No ano de 2011, num país chamado Portugal numa localidade piscatória chamada Nazaré, um surfista cavalgou uma onda gigante, criada por um fenómeno natural conhecido por Canhão da Nazaré. Por ter surfado aquela onda assustadora, Garrett McNamara, o louco surfista, bateu um recorde mundial (posteriormente ultrapassado). Louco é uma força de expressão: McNamara veio para Portugal algum tempo, estudou as marés, estabeleceu contacto com os locais, aprendeu, arranjou uma equipa, planeou e, por fim, encheu-se de coragem e lá foi. Estudar, aprender, dialogar, planejar: o que foi uma aventura é também uma lição de vida; Garrett McNamara é oriundo da super-potência Estados Unidos da América, veio do outro lado do mundo (Hawaii) para estudar marés e aprender com humildade, respeitando os conhecedores do mar de um país pobre da periferia da Europa.

Em 2022, um outro louco, chamado Vladimir Putin, arrogou-se o direito de cavalgar sobre um país soberano, não para diversão mas para destruição desse mesmo país e sua gente a quem

não reconhece o direito a existir, a não ser sob a bota cardada russa.

E que tem a guerra a ver com surf? Nada, mas neste caso trata-se de comparar atitudes perante a vida e os outros. O americano *fez-se ao mar*, retirando disso prazer pessoal e envolvendo outras pessoas no processo; Putin fez-se à guerra, só ele existe, o resto da humanidade é artigo descartável; o surfista só riscou ondas, o ditador destrói tudo, edifícios, pessoas, natureza.

O que atrás foi escrito pode ser consensual, mas talvez o leitor se interrogue: “Que tenho eu a ver com isto?”. Bem... tudo. Somos nós quem elege os políticos (em democracia, claro), somos nós os consumidores, os que produzem riqueza, os que gastamos os recursos naturais. Somos nós os que vão deixar como herança para os mais novos o mundo tal como está.

Não é intenção deste modesto artigo de opinião fazer um tratado de filosofia ou de ética, é apenas sugerir ao leitor que tire um bocadinho de tempo, pare de ouvir notícias deprimentes, esqueça o futebol e

respectivos não-assuntos, desligue a TV, ponha o telemóvel de lado e pense um pouco.

A partir dos dois exemplos acima, concentremos, durante os breves minutos que se leva a ler este texto, o nosso pensamento neste jardim (cada vez menos ajardinado devido à incúria e às alterações climáticas) à beira-mar plantado chamado Portugal.

Há cinco séculos atrás, por vários motivos, sendo o principal o económico, os portugueses fizeram-se ao mar. Não ficaram à espera de ninguém, nem de subsídios, nem de “bazucas” europeias. Partiram à aventura nuns navios de tamanho ridículo, cavalgaram ondas de meter medo, enfrentaram tempestades, doenças, fome, sede e morte; nuns navios de tamanho ridículo chegaram a toda a parte e dominaram metade do mundo (as consequências disso, como por exemplo, a escravatura, não são do âmbito deste artigo).

Assim que começamos a obter os resultados financeiros dessa aventura, deixamos de *fazer-nos ao mar*, fizemo-nos antes ao luxo e à ostentação, não investimos no futuro, confiantes de que o *rio* de dinheiro obtido com as especiarias da Índia nunca iria secar. Mas secou. Também por outros *rios* navegamos a nossa

vaidade: o do Brasil (secou em 1822) e o de África (secou em 1975). Mas como nos safamos sempre, descobrimos mais uma fonte de dinheiro: a União Europeia (UE), de que alguns falam mal, mas que dela também recebem. Só que desta vez, não são os portugueses que abrem e fecham a torneira... Depois da “bazuca” estar gasta - bonito nome que designa uma pipa de massa disparada de Bruxelas – é que a porca vai torcer o rabo, pois no período pós-bazuca, haverá alargamento da UE a outros países do leste, o que poderá empurrar Portugal ainda mais para a cauda da Europa. Enfim, *mais um rio que irá secar?* E depois da UE? Saímos da União Europeia e vendemo-nos à China? Ou emigramos para fora da Terra? Ou sacamos o pilim a uma qualquer civilização extraterrestre que nos queira para cobaias de laboratório?

Como não se prevê o primeiro contacto com ETs para breve (mas relatos há muitos), temos que arranjar forma de não deixar secar o *rio* da UE, o último que nos resta. Como? Fazer bom uso dos fundos recebidos, criar uma mentalidade anti-desperdício – de dinheiro, de recursos naturais, de qualificações,

de talentos e de vontades. Do famoso PRR só 10% do dinheiro não é para o Estado: como é possível um país evoluir sem dar autonomia (mas com responsabilidade!) à sociedade civil? Será por causa do estado de atraso da justiça...? Como esta não funciona, é mais fácil não responsabilizar ninguém e o Estado toma conta da gente, embora cada vez cumpra menos as suas funções básicas, excepto a de esbulhar a classe média com uma carga fiscal de um país escandinavo.

Porque é que as coisas são assim nesta terra? Voltando aos dois casos do início do artigo, a nossa forma de estar está mais próxima do surfista e nada tem que ver com a do ditador, não temos paranóias imperiais, nem somos agressivos e, ao contrário de uma certa narrativa que anda por aí, não somos racistas por natureza; para os tugas o interesse primordial é o “comes e bebes”. Só que Garrett McNamara *estudou, aprendeu e planeou*; “planear” é um verbo lixado, de difícil conjugação e pior ainda se na mesma frase constar a palavra “português”. Não é por acaso que, apesar de trabalharmos muitas horas por dia, temos baixa produtividade (metade de um trabalhador alemão, só para dar um exemplo). Ter como

interesse principal o “comes e bebes” em si não é mau; mau é termo-nos habituado, como país, a arranjar sempre forma de nos safarmos sem muito esforço; habituamo-nos a navegar nas águas paradas da mediocridade, tomando esta com referência.

É como se fôssemos uma espécie de país-submarino: raramente vimos à superfície, mas nunca batemos no fundo. E como se já não bastasse os problemas que temos, temos dois elefantes na sala que parece ninguém querer ver: o envelhecimento da população – um dia haverá mais velhos e reformados do que jovens e população activa – e a emigração de jovens *qualificados*. É isto que temos ao fim de 48 anos de democracia?

Muita coisa haveria a dizer, que daria para encher livros, os estudos já foram feitos, as causas já foram identificadas, mas este navio continua encalhado, na expectativa de que as ondas não batam com muita força.

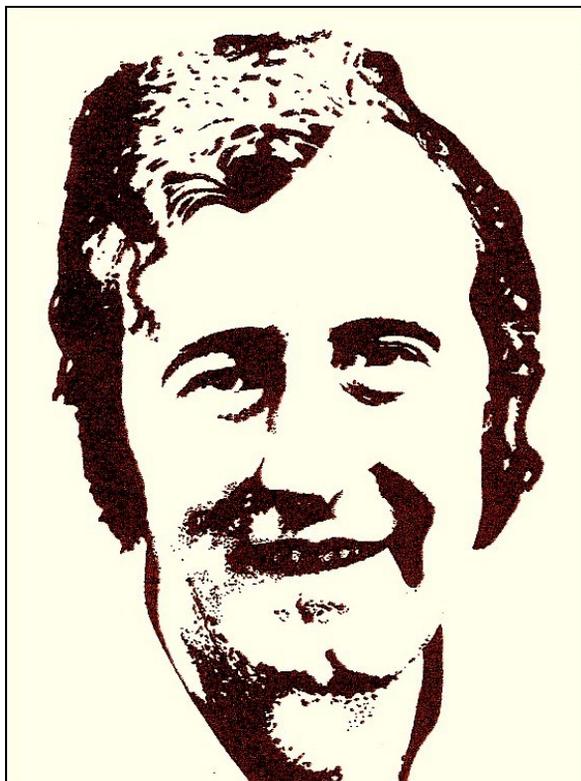
Quando é que nos faremos ao mar?
Quando os rios secarem?

Capuchos, 11 de Agosto de 2022

Jorge da Silva

Memória de Adriano

De Ferrer Asturiano



Adriano Correia de Oliveira

1942 - 1982

Adriano foi um músico português, intérprete da canção de Coimbra e cantor de intervenção. Homem de enorme coragem, de uma generosidade sem limites, contribuiu, juntamente com outros, para “semear a revolta” que nos conduziu à madrugada de Abril.

“A voz de Adriano era uma voz alegre e triste. Solidária e solitária, havia nela ternura e mágoa, esperança e desesperança, amparo e desamparo, festa e luta. E também saudade e fraternidade.”

Manuel Alegre

Erguem-se muros em volta
do corpo quando nos damos
amor semeia a revolta
que nesse instante calamos

Semeia a revolta e o dia
cobrir-se-á de navios
há que fazer-nos ao mar
antes que sequem os rios

Secos os rios a noite
tem os caminhos fechados
Há que fazer-nos ao mar
ou ficaremos cercados

Amor semeia a revolta
antes que sequem os rios...

[Clique aqui para ouvir esta canção](#)

Publicada pela primeira vez em 1964, esta canção reúne o poema de António Ferreira Guedes, a viola de Rui Pato e a voz de Adriano.

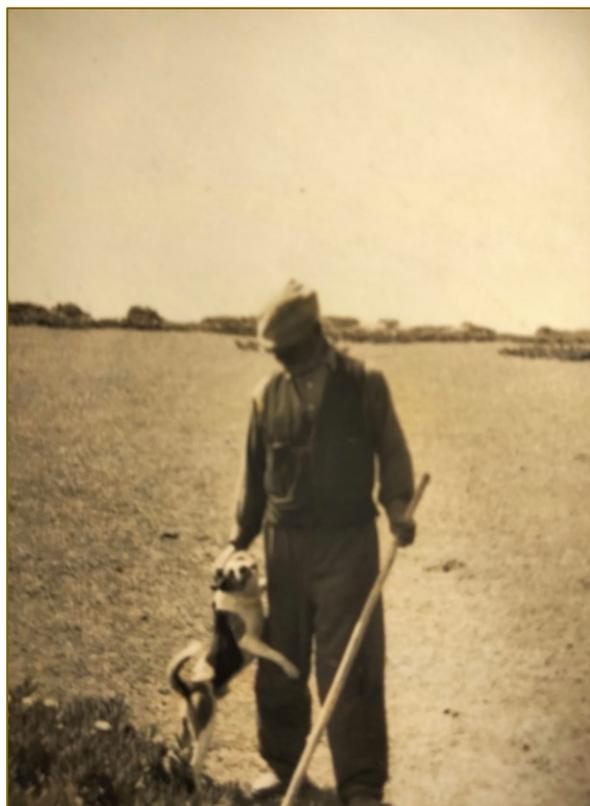
Dez anos antes da Revolução de Abril, “há que fazer-nos ao mar antes que sequem os rios” tinha um significado evidente.

Mas, certamente que os autores nunca imaginaram que, em 2022, estas palavras adquirissem um novo significado, já não poético mas real: os rios estão realmente a secar e o mar está realmente a subir...

Os Capuchos nas minhas memórias (2ª. Parte)

por Eduardo Gomes

Tinha eu sete anos, lembro-me do avô Virgílio Nunes ter ido à feira nacional de agricultura em Santarém, há cerca de sessenta e seis anos (1956), comprar 55 ovelhas e 2 carneiros, iniciando assim a atividade de criação de borregos.



O avô Virgílio, com o Bobby, perto do Miradouro.

Aumentando o rebanho e vendendo também, sobretudo os machos, iniciou a ordenha de leite para a produção de queijos. E também o aproveitamento da lã retirada ao rebanho, normalmente em maio de cada ano, pois é nessa altura que a temperatura sobe e torna insuportável para os animais camada

de lã tão espessa, que tanto jeito lhes dá no inverno.

Para abrigar as ovelhas foi construído um "barracão" (curral) junto ao muro limite norte/poente da quinta da Bisca e a cento e cinquenta metros da casa do Ti António das Vacas, referenciada na publicação de junho/22.

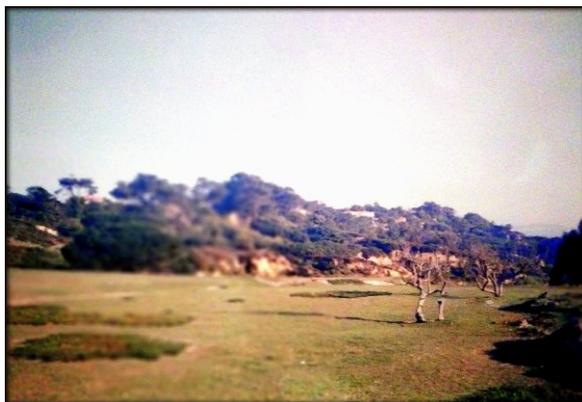


Foto do Cabedelo, zona onde havia vinha, pereiras, figueiras e macieiras. Ainda se vê figueiras secas.

A ordenha do leite, realizada pelo avô Virgílio, teve início logo que as ovelhas começaram a ter crias e após o desmame dos borregos.

Assim, a avó Leonor Henriques começou o fabrico de queijos, preparando todos os apetrechos necessários para o efeito.

Um dos elementos imprescindíveis era a flor do cardo que, misturada no leite, coalha-o, originando uma massa do género do "requeijão".

Após esse processo, eu observava a avó a apertar entre as suas mãos porções do referido "requeijão" para

Ihe retirar o soro, colocando-o de seguida em pequenos "trinchos" (formas em alumínio) com cinco centímetros de altura/diâmetro.

Observei que a avó cuidava muito da higiene do processo.

Produzia excelentes e saborosos queijos frescos que, ainda hoje, quando como algum semelhante, a memória transporta-me a esse tempo longínquo e inesquecível.

Recordo-me de, mais tarde, ir a pé à farmácia do Monte de Caparica comprar um frasquinho de coalho em pó (na altura a farmácia situava-se em frente ao consultório do Dr. Pessoa e perto da igreja) porque a avó tinha dificuldade em conseguir a flor de cardo. Imaginem os quilómetros de ida e volta...

Na sequência do processo de fabrico, quando os queijos estavam estabilizados eram retirados dos "trinchos" e a avó enrolava à volta de cada um, uma folha de cana, para que não se desmanchassem e mantivessem a frescura. De seguida colocava-os numa canastra feita de cana (fabricada artesanalmente pelo sr. João do Rego - morador em Vila Nova de Caparica) e iniciava a venda palmilhando um percurso, onde já tinha alguns clientes fixos - Vila Nova, Lazarim, Areeiro, Casas Velhas, Torre, Monte, Fonte Santa e Porto Brandão. Regressava a casa exausta, mas contente pela missão cumprida e pelo resultado da venda.

Conheci o Ti João Adegas e a sua mulher, a Tia Rosa, que também tinham ovelhas no lugar dos Pilotos.

Moravam em Vila Nova e a Tia Rosa também fazia queijos.

Eram nossos vizinhos na rua das Gaivotas.



O Bobby e as ovelhas

Recordo que o avô Virgílio ensinou-me a ordenhar as ovelhas.

Eu, com os meus oito anos, sentava-me num banquinho ao rabo da ovelha, procedia à limpeza do "úbere", colocava uma mão em cada teta e iniciava um movimento ascendente seguido de outro descendente de deslizamento até ao bico de cada uma das duas tetas e o esguicho acontecia, com o leite a cair na vasilha.

A vasilha era uma lata de manteiga vazia (5kg.), que o avô pedia ao Ti Albino, dono de mercearia e taberna em Vila Nova.

Como referi, em maio de cada ano era cortada a lã ao rebanho, menos aos borregos cuja lã era ainda curta. Normalmente era o Tio Carlos Nunes, (Carlos das ovelhas), que

morava na Quinta da Bisca, a cortá-la com uma tesoura específica. Lembro de o ver primeiro imobilizar o animal, deitando-o, e com uma pequena corda amarrar conjuntamente as duas mãos e os dois pés... Depois debruçava-se sobre o corpo da ovelha e iniciava a tosquia, num processo cansativo e repetitivo. No final a ovelha ficava com a lã curtinha e branca.

Por fim, a lã era vendida a compradores vindos da Covilhã, abastecendo as fábricas de fição e lanifícios daquela região.

Quero também dar conta de como era o processo de alimentação do rebanho; no inverno era mais complicado, nos dias de chuva intensa, dado que nem podiam sair do curral. Aí o avô dava-lhes palha e alguma forragem armazenada no verão.



O Biqueirão / Vale da Junça

Em tempo normal as pastagens eram no Cabedelo/Capuchos, Quinta da Aldeia, Quinta de Brielas (onde foi o Onda Parque), Terras da Costa e Costa de Caparica.

Quando eu podia (fora do horário da escola) ia ajudar a deslocar o rebanho, contávamos com a ajuda do Bobby - o nosso cão - cuja imagem aparece em fotos publicadas em junho e no presente artigo. Foi ensinado pelo avô para virar e disciplinar o rebanho ou ovelha que ousasse afastar-se.

O sítio de mais longa deslocação foi juncais da Costa; toda a zona que fica entre a avenida Humberto Delgado, a antiga escola primária da Costa e toda a envolvência dos bairros dos pescadores.



O Vale da Junça. Ao longe as Terras da Costa.

Neste território (dunas e juncal) não existiam casas. No juncal o terreno era alagadiço e pantanoso até final do século XIX, por isso, em meados do século XX, era ainda zona húmida onde nascia uma espécie de relva e capim, boa para as ovelhas.

Hoje penso, quando observo da via rápida ou visito o miradouro, como é que eu e o meu avô Virgílio descíamos e subíamos com o rebanho neste local da arriba fóssil?

No próximo número do "Arriba", a 3ª parte de **Os Capuchos nas minhas memórias** por Eduardo Gomes

CAPUCHOS

uma aguarela e um poema
de Carlos Canhão



Um dia de praia

É cedo.
Olhei pela janela
e que maravilhoso dia está hoje.
Para lá do arvoredado
o mar cintilante
a praia ainda deserta.
Alguém agarrou meu braço e disse
que bom está o tempo
vamos à praia.
Os miúdos vão adorar
podemos levar também o moleco
para ele correr na praia.
Aproveitamos a sombra de um barco

e levo os pastelinhos de bacalhau
que fiz ontem à noite.
E entre duas banhocas
vamos petiscando.
Acorda os miúdos
eu trato deles
e vamos.
Quero voltar quando os meus pés
não suportarem o calor da areia
aqui para os Capuchos
e descansar
no fresco dos pinheiros
perto do miradouro
antes de voltarmos a casa.

OS MISTÉRIOS DA LUA CHEIA

Quarto Episódio

Revelações

Um conto de Paulo Figueiredo



- Companheiros, o momento chegou, Wotan saberá distinguir o valoroso e dedicado guerreiro do oportunista covarde!

Acto contínuo, Albert Schmidt abriu um caixote colocado num dos cantos da sala e dele retirou para si uma pistola *Glock*.

- Tomem – e começou a distribuir pistolas idênticas. Sonya recebeu a sua arma e aguardou, tentando disfarçar o medo.

Ao toque da mão direita de Albert num orifício de uma das pedras da sala, uma passagem abriu-se.

- Venham por aqui, rápido, o inimigo não espera!

O grupo foi conduzido através da passagem secreta até uma saída. Assim que Albert abriu a porta para o exterior, uma voz se fez ouvir:

- Estão cercados pela polícia, deponham as armas e rendam-se!

- Porco judeu! E, voltando-se para o seu grupo, Albert incitou-os:

- Que o Reich dure mil anos! E disparou de imediato, atingindo um dos polícias.

A partir daquele momento, estalou uma intensa troca de tiros. Sonya deixou-se ficar na rectaguarda, disparando ocasionalmente, para não chamar a atenção de ninguém da seita, mas tentando não atingir ninguém. Parecia-lhe que, ao mesmo tempo que se entrava no inverno, o mundo ia entrando também

numa escuridão mais negra que a da noite. Subitamente, um corpo caiu. Para Albert Schmidt este tinha sido o último solstício. Quase de imediato, os membros da Wotan Bruderschaft renderam-se, tinha-se calado a voz que os incitava e dominava. Talvez nunca quisessem ter pegado numa arma, talvez nunca tivessem sentido a vontade de matar, nem de ser guerreiros de Wotan ou de outro qualquer deus inventado por mortais.

Como todos os outros membros da seita, Sonya foi detida.

A mulher loura de olhos azuis entrou no bar do hotel onde se tinha hospedado. Uma enorme janela oferecia uma vista panorâmica de Lisboa e àquela hora poucos eram os clientes. Uma certa presença masculina era tudo o que faltava para que o momento fosse perfeito.

Um homem alto e bem-parecido entrou no bar e dirigiu-se para ela, sorridente.

- Boa tarde, Sonya.

- Acho que nunca desejei tanto um homem. Boa tarde, inspector.

O inspector Sampaio franziu o sobrolho.

- Não me diga...

- Não se ponha com ideias.

Sampaio sentou-se e pediu uma bebida.

- Então, inspector, o que tem para mim?

- Antes de mais, em nome da Interpol, quero agradecer-lhe toda a colaboração que nos

deu. O seu desempenho foi notável. Infelizmente, o agradecimento não pode ser formal pelas razões que conhece.

- E...?

- O seu cadastro foi limpo. Completamente. Mas seria boa ideia mudar de ramo, se continuar a roubar e traficar arte, ninguém se irá lembrar que colaborou connosco.

- Já mudei de ramo, definitivamente. Agora que tudo acabou, nunca percebi completamente porque me escolheram para desempenhar este papel que me podia ter custado o pescoço.

- Porque o mundo é pequeno. Como sabe, andávamos a vigiar todas as organizações de extrema-direita na Europa, esta era uma das mais perigosas por quererem um Quarto Reich. Quando a Sonya se tornou conhecida no meio “artístico”, por assim dizer, conseguimos descobrir o seu nome verdadeiro e ascendência. Por mero acaso, numa conversa de café com um antigo inspector, a combinação Schneider / ascendência luso-germânica acendeu-lhe uma luzinha no cérebro; ele era amigo do seu falecido pai. O seu pai estava desgostoso consigo porque além de ter militado na extrema-esquerda enveredou depois para uma espécie de, como direi? criminalidade burguesa. Elevada cotação no mundo da arte traficada, neta de um oficial da Gestapo, foi da extrema-esquerda, logo odeia nazis... ah, e visual de ariana pura. A escolha ideal. E agora pergunto eu, como os convenceu?

- Como o inspector disse, eles precisavam de provas de que eram os legítimos herdeiros de Hitler, fiz o meu trabalho de casa por forma a ser escolhida, fui competente, fiz um discurso nazi que lhes agradou e usei o meu visual ariano.

Sampaio levantou-se, chamou o empregado.

- Mais uma vez obrigado, Sonya.
- Obrigado também, inspector.

Sonya saiu do hotel e começou a caminhar calmamente pelas ruas de Basileia. Enquanto caminhava, ocorreu-lhe que estando na Suíça, podia aproveitar para comprar uma casa para férias na neve ou mesmo passar a residir no país, devido aos impostos. Sorriu para si, ao pensar nos relógios caros, nos chocolates e no velho canivete suíço que tantas vezes a safou no seu antigo ofício de roubar. Parou de caminhar. Tirou um papel do bolso do casaco.

Das Rheingold

Basel

23

33

O Ouro do Reno, Basileia, 23, 33.

O Ouro do Reno, uma das óperas de Wagner. Sonya detestava Wagner, quer a música, quer o homem, profundamente racista, todavia ali estava ela numa cidade onde o rio Reno passa, o rio do tesouro da ópera de Wagner... Por cima da porta do banco, o numero 23. Entrou no banco. Abriu a mala de mão para confirmar mais uma vez de que tinha a chave consigo, umas das chaves que encontrou numa vivenda abandonada num sítio chamado Capuchos, em Portugal. Quando foi atendida, pediu para abrir o cofre 33. Após verificar o conteúdo do cofre, saiu para rua, um pouco atordoada, entrou num café, pediu uma bebida quente, ordenou os pensamentos, tomou decisões, regressou ao banco, chamou um táxi, abriu de novo o cofre, regressou ao hotel.

Naquela noite, pouco dormiu. Vender lingotes de ouro com identificação nazi não

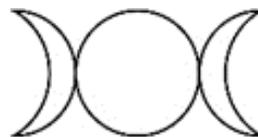
era grande problema, tinha os contactos necessários para tal, mas... Aquele ouro tinha sido roubado, era como se a roupa ficasse manchada do sangue das vítimas ou com o cheiro dos corpos nos crematórios, aquele ouro não a deixava dormir, o ouro compra tudo menos os sentimentos e uma noite dormida em paz. Devolver o ouro. Mas a quem? Que fariam com ele? E se fosse usado para comprar armas? E se o desviassem para *off-shores*? E se o usassem de novo para o Mal? Ocorreu-lhe que podia fazer coisas bem melhores com todo aquele metal amarelo, que podia ser usado para ajudar quem precisa. Acabou por fechar os olhos e dormiu, pouco.

- Sim?
- Bom dia Sonya, como está? Daqui fala Rita Soares, ainda se lembra de mim?
- Claro que sim, Rita, como está?
- Estou a telefonar-lhe para dizer que o seu projecto de recuperação do moinho foi aprovado.
- Que excelente notícia, Rita! Quero agradecer-lhe pessoalmente. Pode almoçar comigo hoje?
- Posso sim.
- Ótimo, vou buscá-la à hora que lhe der mais jeito.

As duas mulheres entraram no restaurante e sentaram-se numa mesa junto à janela. Antes que qualquer palavra fosse dita, olharam o rio e as suas margens durante alguns minutos.

- Isto podia ser ainda mais bonito, se as pessoas olhassem para as coisas de outra forma – afirmou Rita Soares, sem tirar os olhos da paisagem à sua frente.
- Por um segundo, Sonya desviou o olhar da janela e algo na mala de mão de Rita despertou-lhe a curiosidade.

- Gosto desse símbolo que tem na mala.



- Por alguma razão em especial? – perguntou Rita, fitando Sonya com a mesma atenção que prestou à vista do rio. Sonya abriu a sua mala de mão, retirou a carteira dos documentos, exibindo um símbolo igual gravado no couro e respondeu:
- A recuperação do moinho traz-me memórias e quero que seja um lugar que tenha energias bem diferentes das que senti naquela vivenda abandonada. Só há pouco tempo me iniciei nestes mistérios maravilhosos. Durante muito tempo perdi-me, fiz coisas que não devia ter feito, mas penso que foram os meus erros que me trouxeram até aqui.
- Algo maior do que nós nos juntou. – retorquiu Rita.

O grupo de mulheres deixou o Convento dos Capuchos, após um dia de estudo e reflexão, e seguiu o caminho que levava a uma vivenda abandonada, no maior dos silêncios, conduzido pela noviça Sonya, por esta conhecer bem o local. Uma vez na vivenda, as mulheres dispuseram-se em círculo.

A sacerdotisa Rita começou o ritual de iniciação. Para Sonya era a primeira cerimónia Wicca* e a primeira vez que o lugar não lhe causava arrepios. Sentia-se a começar de novo, entregou-se completamente ao ritual, à luz da Lua Cheia.

Capuchos, 6 de Junho de 2022

Paulo Figueiredo

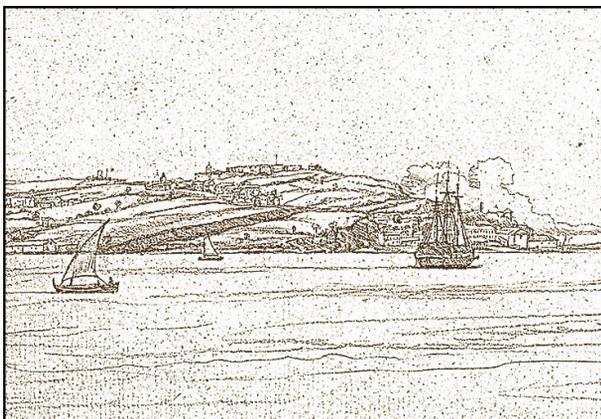
*A religião neo-pagã mais difundida pelo mundo.

História e estórias do concelho de Almada

por **João Paulo Curto**

Século XIX

Em 1835, um ano antes da divisão administrativa que criou o concelho do Seixal, surgiu o documento “A memória económica da Villa d’Almada e seu Termo”, redigida por José Joaquim de Silva Chaves, provedor do concelho de Almada. Este documento, importante para esta reforma administrativa, descrevia alguns aspetos relacionados com o concelho de Almada, como o clima, a água, a população, os produtos agrícolas e a pesca, entre outros.



Vista nascente de Almada e Cacilhas junto ao rio Tejo (detalhe), Charles Landseer, 1825.

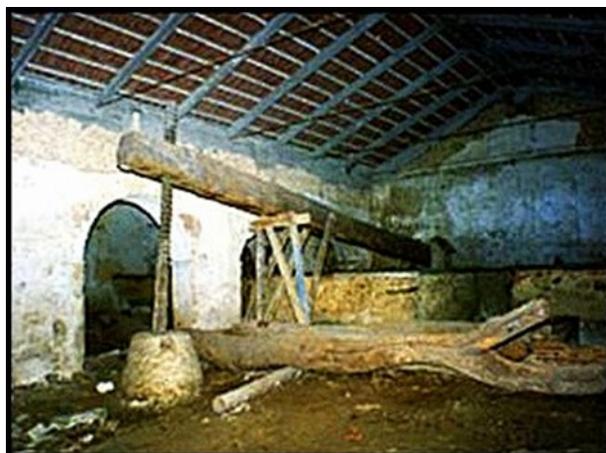
Sobre a saúde refere o autor a necessidade de aterro dos pântanos e drenagem dos campos, para evitar as febres frequentes que assolam este concelho e se tornam por vezes epidémicas. Os cuidados de saúde eram prestados por dois Estabelecimentos de Caridade sediados em Almada, nomeadamente a *Caza da Misericórdia* e a *Albergaria de S. Lazaro*.

Quanto à instrução pública existiam apenas duas aulas em todo o concelho: a de Gramática Latina com um professor e um discípulo e a de Primeiras Letras que, por falta de professor, se encontrava vaga.

Os atentados à ordem eram raros, sendo sobretudo rixas provocados pelo abuso do vinho. São referidos assaltos esporádicos na estrada para Sesimbra, perpetrados por marginais que se escondiam junto à população piscatória da Costa de Caparica.

Curiosamente, apesar de a agricultura ser a principal atividade produtiva da região, a maioria dos filhos naturais da terra prefere a vida marítima ao trabalho do campo. A mão-de-obra necessária provinha sobretudo da Beira e do Minho, permanecendo geralmente de outubro a maio.

Por esta altura o vinho era a grande produção agrícola e a única excedentária enquanto o concelho era deficitário em todas as outras produções. Devido à Guerra peninsular e ao proveitoso comércio com o Brasil, o seu preço elevado fez com que a grande maioria dos agricultores se dedicasse unicamente a esta produção. Depois do vinho, a economia rural assentava também na exploração de material lenhoso destinado a Lisboa.



Lagar de vara da Quinta da Torre, Caparica, Francisco Silva, CDCAA, 2000

Esta elevada produção vinícola fez com que, durante o século XIX, a frente ribeirinha de

Almada conhecesse a instalação de armazéns de vinho destinado ao comércio externo. Estes localizavam-se no Ginjal “onde há grandes armazéns para retem de vinhos de embarque”, na Margueira onde, para além dos armazéns, estava “estabelecido o grande laboratório Chimico, o maior que há em Portugal”, no Caramujo, onde há “grande deposito de vinhos” e ainda no Portinho da Costa onde existiam grandes depósitos de vinho, exportando vinho em larga escala e facilitando as vendas deste produto aos agricultores da freguesia e de todo o concelho.

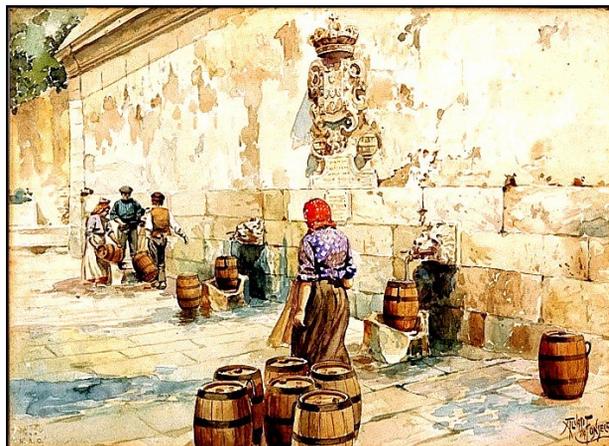
Com a independência do Brasil e a quebra das exportações para este país, a monocultura da vinha revelou-se desastrosa para a economia rural do concelho. Faltavam os cereais para o abastecimento local, enquanto o preço do vinho caía a pique devido à falta de procura. Esta queda é apresentada como causa da decadência da agricultura no concelho. Com a falta de escoamento do vinho aumentaram as vendas e tabernas, criando um problema de segurança devido ao grande número de desavenças. Foram proibidos o “uso de paos com mais de cinco palmos e de grande grossura; e fazendo que as tavernas se fechem às horas destinadas pelos regulamentos geraes.”

A água

A água sempre esteve presente no concelho de Almada para consumo, meio de transporte ou pesca.

A Fonte da Pipa assegurava um abastecimento abundante e de qualidade a Almada, a muitas embarcações e a uma parte de Lisboa em anos de maior seca. Igualmente famosa era a fonte da Biquinha, na quinta do Alfeite considerada medicinal “contra a dôr

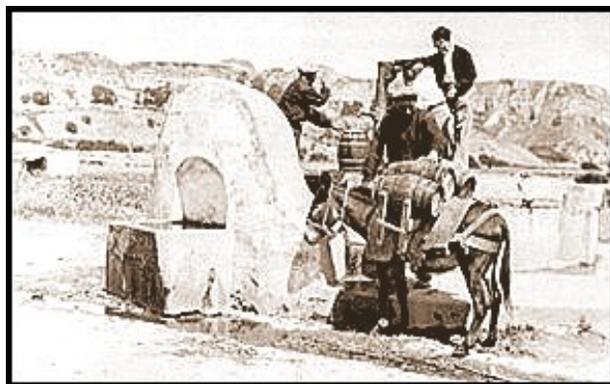
de pedra e areias da bexiga”.



Fonte da Pipa, aguarela de Alvaro da Fonseca, c. 1915. [Almada na Historia, Boletim de Fontes Documentais, 27-28](#)

Na Caparica é ainda referenciado o lugar de Fontes Santas, duas bicas de água denominada “santas” por nunca terem deixado de correr com abundância mesmo nos anos de maior seca.

Nas restantes povoações a população abastecia de poços públicos e privados. Existe a menção a uma fonte do lugar da Corvina, cuja água tinha a particularidade de aumentar o apetite a quem dela bebe, pelo que “os trabalhadores d’aquela quinta fogem muitas vezes de beber d’ella.”



Praia do Sol, C. Caparica, ed. José Nunes da Silva, s/n, Poço de Bomba, Chafariz

As questões relacionadas com o abastecimento e utilização da água no

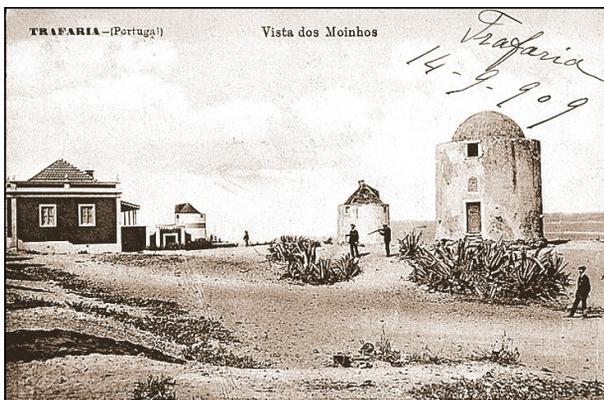
concelho de Almada estão reguladas desde 1886, que legisla sobre a abertura de poços ou minas, multa a quem sujar a água das fontes ou poços públicos ou impedir a obstrução ou desvio das águas, proibindo-se na lavagem da roupa “o emprego de materiais corrosivos, tais como o cloreto de cal, e outros semelhantes destinados a branquear a roupa.”

O porto de Cacilhas já era referenciado como fundamental dada a possibilidade “de toda a hora se encontrar maré, condição única que não acha nos outros portos da margem esquerda do Tejo”.

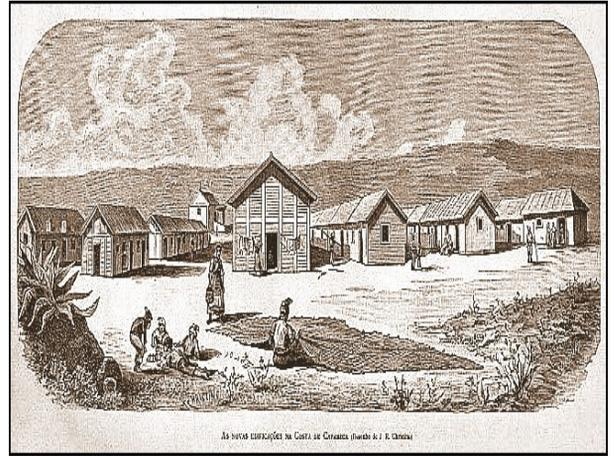


Porto Brandão, à esquerda do Tejo

Da freguesia de Caparica destaque para o Porto Brandão, um porto com alguma importância, a Trafaria que com cerca de 400 a 500 fogos limitava a norte a freguesia de Caparica e que se estendia por “uma dilatada praia areenta e desabrida” que se estendia até perto da Torre de São Lourenço (Bugio) e onde se registava a presença de alguns moinhos de vento.



Na frente atlântica destaca-se a Costa de Caparica com mais de “100 cabanas e algumas casas de telha com 1,600 habitantes, todos pescadores e excelentes marítimos.”



Costa da Caparica, As novas edificações, 1887, desenho de João Ribeiro Cristino

A Trafaria e a Costa de Caparica eram constituídas por pescadores que habitavam casas de madeira e de colmo. O terreno, que se estendia desde a lagoa de Albufeira até à golada do Tejo também conhecida como restinga do Bugio, que ligava a Cova do Vapor ao Bugio, era arenoso com pântanos e charcos, sendo a vegetação constituída basicamente por juncos, um ambiente propício à proliferação de insetos transmissores de febres paludosas. Eram cerca de 30 a 40 hectares de terrenos alagados, entre a Costa e a Charneca conhecida por Juncal.

Como já referido o concelho de Almada estava sujeito às febres sazonais devido aos muitos pântanos e águas estagnadas e também, segundo o provedor do concelho, devido aos hábitos da população rural pelo “uso que fazem de fructas verdes ou mal sazoadas, e no costume de dormirem no campo expostos ao orvalho da noute que lhes tolhe a transpiração.” É referida uma epidemia de febres intermitentes que atingiu a Costa de Caparica em 1830, “produzidas não

só pela muita miséria e falta de asseio com que vive aquella gente mas muy particularmente pela singularidade de que soprando o vento sul choveo amiúde todo o Verão, apodrecendo as agoas que se conservavão nos charcos formados no Inverno.” No ano anterior, um surto epidémico tinha assolado igualmente a povoação da Trafaria.

Visando a resolução destes problemas de salubridade e alargamento da área de cultivo, iniciaram-se em 1882, os trabalhos de drenagem, fixação das dunas e arborização dos terrenos da Trafaria e Costa de Caparica. Os solos drenados entre o pinhal e a base da arriba, começaram a ser cultivados com vinha e hortaliças. Para sul o espaço entre o areal e a arriba só será florestado e arroteado no início do século XX.

A JUNTA Central dos Melhoramentos Sanitarios, faz publico que pelas 12 horas do dia 8 de fevereiro proximo futuro. na administração do concelho da villa d'Almada, ha de ter logar a arrematação em hasta publica, de cinco tarefas de terraplenagens a executar para as obras do enseeccamento do pantano de Caparica, junto á povoação da Costa.—As condições e a divisão das tarefas podem vêr-se na referida administração do concelho e na secretaria da junta, no ministerio das obras publicas.

Secretaria da Junta Central dos Melhoramentos Sanitarios, em 18 de janeiro de 1883.

O engenheiro encarregado da secretaria.

João Gu des Quinhones da Silveira.

Estes trabalhos operaram uma profunda transformação na paisagem da frente atlântica do concelho de Almada e uma grande alteração no ambiente sócio-económico, até então dominado exclusivamente pela pesca, ganhando importância a atividade agrícola.

Enquanto em 1850 esta frente atlântica era descrita como um contínuo areal que nada produz, meio século mais tarde, em 1897, Vieira Junior descrevia esta zona: *“É soberbo e majestoso o panorama que nos offerece a Costa quando a olhâmos do alto da rocha dos Capuchos. Lá em baixo os grandes pântanos, outr’ora cobertos de juncos e hoje quasi totalmente cultivado de vinhas e arvoredos, n’uma vegetação luxuriante.”*

A exploração agrícola destes terrenos continua atualmente, não com a vinha mas com uma agricultura intensiva baseada em produtos hortícolas e sustentada pelo acesso fácil à água e a fertilizantes químicos.

Perdeu-se a anterior ligação da agricultura com a pesca já que os agricultores adquiriam, a troco de hortaliças ou de um preço simbólico e por vezes gratuitamente, os excedentes da faina piscatória com que adubavam as terras. Também já não existem equídeos ou gado bovino para estrumar estes terrenos. No entanto, continuam a produzir vegetais muito procurados pela sua elevada qualidade e sabor, tal com acontecia no século XIX.

Nota: este texto, bem como as suas citações, têm como referência a dissertação de mestrado “Ruralidade em Almada nos séculos XVIII e XIX”, da autoria de Francisco Manuel Valadares e Silva, Universidade Aberta, 2008.

Imagens retiradas do site: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/>

Mudança de Tática



*...antes que
sequem
os rios...*

